

O SENTIDO DO CUIDAR NO SOFRIMENTO - LEVINAS E WATSON

AUTORAS:

Ana Reis (Investigador externo - CIED- Universidade Minho, Portugal) - Telm. 914217767 - ana.greis@sapo.pt

Clara Costa Oliveira (IE-CIED- Universidade Minho, Portugal)

RESUMO

Este estudo tem como objectivo traçar algumas linhas de conduta ética a partir do pensamento de Levinas, para um possível contributo na prática dos cuidados de enfermagem, relativamente ao contexto que envolve o doente terminal. Tal implica um novo apelo à filosofia de Levinas e à ciência de enfermagem, cuja questão está ligada à relação ética com o Outro enquanto doente terminal. Propõe-se assim um saber nas ciências de enfermagem à luz do pensamento de Levinas, a fim de cuidar o ser humano baseado numa conduta ética.

Neste estudo, a metodologia utilizada baseou-se na análise documental, com base exploratória. A nossa análise inicia-se com a focalização da *Alteridade e Responsabilidade* em Levinas como Fundamento da Ética, onde abordaremos a problemática *Alteridade e Rosto*. A segunda parte deste trabalho fundamenta-se na abordagem do contexto da morte, principalmente, a área que envolve o doente terminal, o processo de morrer, tal como a análise de um modelo de cuidar e os aspectos éticos inerentes ao final de vida, no âmbito de enfermagem. Esta abordagem abre um caminho de humanização, onde há a descoberta maravilhosa da Alteridade do Outro. Este caminho explica o sentido ético do Outro, como apelo ao respeito pela dignidade, constituindo assim o fundamento do sentido da acção de cuidar o doente terminal - deverá ser o caminho a adoptar no apelo à dignificação da morte.

Palavras-chave: Cuidar, sofrimento e ética

INTRODUÇÃO

Num mundo global e globalizante, onde tudo está ao alcance, o ser humano acaba por se tornar frágil, dependente da técnica e da ciência. Talvez a causa do desenvolvimento veloz de novos conhecimentos, as suas aplicações, nomeadamente, em áreas como a medicina e a biologia podem pôr em causa o ser humano e a sua dignidade. De certa forma, esta imagem reflecte a inconsistência do ser humano que é manipulado pelas suas próprias obras, criações e suas infinitas ambições. Tal situação leva a reflectir como referiu Levinas que “a crise do humanismo na nossa época tem, sem dúvida, a sua fonte na experiência da ineficácia humana posta em acusação pela sua própria abundância dos meios de agir e pela extensão das nossas ambições” (1).

É notícia que estamos a viver, actualmente, preocupações de carácter ético onde os maiores anseios e conflitos que contornam a existência do ser humano são o cenário da morte e a situação do doente terminal. A confirmar tal pressuposto temos o sensacionalismo dos meios de comunicação, alardeando casos isolados com fortes apelos, ao ponto de banalizar o problema da morte, anunciando, todavia, o direito de todo o ser humano ter uma morte digna. Assiste-se, assim, a uma inquietação em relação a morrer dignamente, o que representa uma conquista ética no prolongamento do interesse por uma vida digna e humana. Como consequência de tais acontecimentos, a problemática da morte e do morrer tem vindo a ser objecto de reflexão na área da saúde, nomeadamente, no que respeita ao assunto do cuidar na prática de enfermagem. Os cuidados prestados à pessoa em fase terminal representam sem dúvida um importante desafio para os enfermeiros que actuam nesse âmbito.

A experiência do dia-a-dia tem sido uma grande oportunidade para receber grandes lições relacionadas com as atitudes perante o Outro. Os profissionais de saúde, que trabalham com doentes terminais, questionam-se sobre o modo de como acolher o Outro. Será que a relação com o Outro é a revelação do respeito pela dignidade humana? Como cuidar do Outro? Como cuidar do Outro nos limites da vida? Que fazer quando já não há nada a fazer? Haverá resposta? Existem momentos em que temos necessidade de nos enraizar em pensamentos que expliquem o sentido da nossa existência e do próprio ser humano, ou seja, o sentido do Outro. Face a tal necessidade de dar uma resposta a estas questões nasceu esta reflexão cuja motivação está enraizada na compreensão e reflexão sobre a morte. Assim se descobre o pensamento de Levinas, que expressa um sentimento nobre no mais vivo respeito pelo Outro.

RESPONSABILIDADE EM LEVINAS COMO FUNDAMENTO DA ÉTICA

O homem (ainda) está em busca do humano.

LEVINAS

Ler Emmanuel Levinas¹ (2) é um convite a adoptar uma exigência ética que implica seguir o Altíssimo e abre perspectivas do valor radical do ser humano. Levinas centrou a sua reflexão no rosto humano atribuindo-lhe tal significado, que o elevou até ao nível de uma “categoria filosófica”

¹ Emmanuel Levinas, filósofo francês, nasceu na Lituânia, em 1906 e faleceu em Paris no dia 25 de Dezembro de 1995. Foi prisioneiro em campos de concentração na Bretanha e na Alemanha. A sua família que ficara em Lituânia morreu quase toda, vítima do nazismo. Aos 17 anos foi para Estrasburgo, onde estudou filosofia francesa. Depois estudou em Friburgo, onde assiste aos cursos de Husserl e Heidegger, vindo a ser responsável pela introdução da fenomenologia em França. Após a sua Libertação, dedicou-se ao ensino da filosofia e publicou algumas obras. Aos profundos conhecimentos do método fenomenológico alia a tradição judaica, numa simbiose original onde o primado da ética como “filosofia primeira” constitui uma alternativa ao modelo ocidental do pensar, marcadamente ontológico. Hoje, Levinas é um dos filósofos mais citados em vários campos, nomeadamente na filosofia, na moral, na ética e ciências humanas.

(3). Em Levinas, a natureza humana está na relação com o Infinito: “dimensão divina que se abre a partir do rosto humano” (4). Enquanto pensador da Alteridade e da responsabilidade absoluta, as suas ideias têm suscitado admiração. As suas contribuições ricas têm despertado um interesse progressivo e assim suscitado discussões, a fim de produzir novos olhares sobre as actuais questões graves, como aquelas em torno do fim de vida. Assim, a perspectiva do nosso pensador oferece um novo horizonte, a partir da perspectiva da subjectividade; ele resgata o rosto como momento anterior à razão, à própria reflexão, situando a responsabilidade, a ética como anterior ao conhecimento do próprio Eu.

Levinas introduz a noção de rosto a partir da Alteridade do Outro, como ele próprio refere, “o modo como o Outro se apresenta, ultrapassando a «Idea do Outro» em mim, chamamo-lo, de facto, rosto” (5), porque “a epifania do absolutamente Outro é rosto pelo qual o Outro me interpela e me dá uma ordem, pela sua nudez, pelo seu desvelamento” (6). O rosto “é a parte mais expressiva do Outro. É no rosto que o Outro se manifesta como verdadeiramente Outro [...]”(7). Assim, o rosto impõe-se-nos, apresenta-se como “o ente por excelência”(8). O Rosto é Alteridade porque exprime uma radical exterioridade, onde a relação assimétrica com o Outro transcende e domina a subjectividade. Aqui, a transcendência do Outro, que se dá sobre mim, ocorre no rosto do Outro, onde está inscrito o Infinito. O rosto é imposição que me demanda e se me apresenta como uma determinação, como alguém que, de forma concreta, me suplica uma resposta. A Alteridade apresenta-se no rosto do próximo. Levinas considera que o rosto do Outro é um mandamento que me interpela. Para ele o Eu só se realiza respondendo ao Outro, daí o sofrimento vir e eu recusar o desafio de acolher o Infinito no Outro. No rosto do Outro, o Eu percebe a sua identidade, acolhendo o Outro na sua unicidade. É neste reconhecimento que o Eu recebe uma missão.

De acordo com Levinas, “a presença do rosto significa assim uma ordem irrecusável – um mandamento”(9). O rosto do Outro é uma imposição ética porque é a primeira palavra, o primeiro mandamento, a primeira norma ética que é “não matar”(10). Portanto, o que tem significação é o rosto do Outro que se revela, que nos visita e da sua altura, nos diz: “Não cometerás assassínio”(11). Assim, o aparecimento do rosto significa uma resistência ética, um pedido, mas também uma ordem: Não posso matar. Toda a palavra ética se dirige a um rosto, pois o rosto é princípio de discurso. Levinas afirma que “o rosto, expressão por excelência, formula a primeira palavra”(12). A linguagem do rosto é uma palavra não pronunciada; é a palavra que grita o imperativo ético: não cometerás assassínio. Contudo, a manifestação do rosto desnudado no meu mundo é a testemunha do Outro que exige respeito e acolhimento, porque é pobre, estrangeiro, débil e indefeso. O Outro, como rosto que emana uma significação e impõem-se como uma ética; o Outro é uma imposição ética, porque, na relação face a face, o Eu e o Outro são afirmados e se reconhece a prioridade do Outro. Assim, a análise centrou-se no reconhecimento do Outro com

unicidade, com valor próprio, fundamentando assim a dignidade. Deste modo, porque o rosto espelha a unicidade da pessoa, o Outro torna-se um imperativo ético.

Para Levinas, a responsabilidade está na relação face-a-face, ou seja, no acolhimento do rosto e no reconhecimento do Outro como único; a partir desta situação posso reconhecer todos os outros que estão na sua mesma situação, os quais são também meus próximos. Nesta relação face-a-face há assim o reconhecimento do Outro na sua unicidade e é esse reconhecimento essencial que Levinas chama responsabilidade. A responsabilidade tem em conta a relação concreta com o Outro e surge na relação face-a-face, onde o Outro manifesta o Infinito que; de onde provem o mandamento: não matar. A responsabilidade nasce pelo facto de eu ter percebido a unicidade do Outro, e responder ao seu pedido. Assim, o Outro clama à responsabilidade que rompe com qualquer superioridade subjectiva, porque o Eu, ao estar ao serviço do Outro, é responsável por ele.

Levinas, na sua obra, refere que “no medo de ser-para-a-morte, não estou em face do nada, mas em face do que está contra mim, como se o homicídio, mais do que ser uma das ocasiões de morrer, não se separasse da essência da morte, como se a aproximação da morte permanecesse uma das modalidades da relação com Outrem”(13). Nesta linha de pensamento, cabe criar uma nova ordem de apelo à responsabilidade por todos os seres humanos que clamam responsabilidade infinita. Sendo nós eticamente responsáveis, somos também profundamente *atingidos* e alterados pelo Outro, e muito mais pelo Outro que está num momento último de vida.

Do pensamento de Levinas, notámos que a visão ética do mundo requer a entrada do Outro na sociedade considerado como um rosto; aqui, a ética é proposta como modalidade de Transcendência, enquanto momento ascensional diferente. Neste sentido, a filosofia de Levinas procurou instituir um sentido ético para a humanidade, pois em *Totalidade e Infinito*, ele procurou demonstrar que o respeito pela exterioridade radical do ser constitui o lugar onde as relações éticas podem indicar o caminho da Transcendência. É no rosto que o Outro se exprime impondo um mandamento: uma imposição ética: não matar. Este momento constitui-se ético porque é uma abertura ao Outro onde se respeita o Outro como Outro, abrindo uma fundamentação do conceito de dignidade. A relação Eu-Outro como responsabilidade institui uma ética, porque tem em vista a dignidade do Outro e, por inerência, a questão dos direitos humanos. Levinas, considerando o Outro na sua dignidade, na sua condição única de refém e de pobre, dá-nos a possibilidade de estabelecer uma analogia com a condição do doente terminal.

Hoje em dia constatamos que, com a evolução da ciência e o avanço da tecnologia, o ser humano é obrigado a repensar essa vertente humana. Na sociedade o princípio ético que tem por base o Bem, que emerge do Desejo com origem no Infinito, será, provavelmente, o princípio que vai orientar as actividades e as decisões do profissional de saúde como pessoa consciente do seu papel e da sua realização pessoal e social. O Bem pode pautar a conduta do profissional de saúde, ajudar em situações de conflito e orientar toda a sua actividade. Podemos dizer que encontramos no pensamento de Levinas contributos em torno da Responsabilidade e do Bem, que apontam para uma ética de responsabilidade e de compromisso perante o Outro na profissão da enfermagem. Sendo o bem do Outro parte integrante do bem comum, os direitos fundamentais dizem respeito ao ser humano enquanto membro da sociedade. Temos de ter em conta o bem comum, enquanto princípio, dever e obrigação, ou melhor, enquanto nossa responsabilidade. A responsabilidade é um destino antes de ser um acto de vontade: o ser humano é chamado para responder independentemente de qualquer decisão no plano ético. A responsabilidade pelo Outro exige que o Eu trabalhe pela sua realização tendo em atenção a sua dignidade numa atitude de obediência respeitando a sua Alteridade. O cuidar o doente terminal é um encontro, por isso, cuidá-lo exige respeito e afecto.

Expostas todas as considerações sobre os aspectos do pensamento de Levinas surgem algumas reflexões sobre a morte, o doente terminal e os aspectos na área de Enfermagem que poderão ser beneficiados pela introdução de um novo olhar para melhorar a qualidade dos cuidados de enfermagem prestados.

O ENCONTRO COM O OUTRO NO FIM DE VIDA: UM APELO À DIGNIFICAÇÃO DA MORTE

A medicina é a antiquíssima actividade que:

No que lhe é essencial, não muda nunca;

o essencial é um ser humano inquieto ou perturbado

que procura outro ser humano e pede-lhe ajuda.

DANIEL SERRÃO

O direito à vida e à morte digna é uma abordagem presente, desde que o ser humano consiga valorizar a sua existência e temer o seu fim. A reflexão sobre a questão da morte digna reclama uma abordagem sobre o significado da dignidade. A dignidade humana ao não poder ser definida, traz-nos a primazia da reflexão que sendo ilimitada é maior do que poderíamos pensar, é um valor transcendental, é infinita. Começamos por citar Roque Cabral que diz “que acontece com a dignidade algo semelhante ao que Agostinho dizia acerca do tempo: se não nos interrogam, todos sabemos o que é; mal nos perguntam, entramos em dificuldade [...]” (14). Desde a antiguidade, o

ser humano interroga-se sobre o fundamento da sua própria dignidade. Na história da Filosofia, Kant foi exaltado, de modo especial, a dignidade da pessoa humana. Para Kant, o ser humano é insubstituível, é único, é um fim em si mesmo, por isso, não tem um preço mas sim um valor incondicional, intrínseco e absoluto, nunca reduzido ao valor relativo das coisas, ou seja, tem uma dignidade. Kant realça que a “autonomia é pois o fundamento da dignidade da natureza humana e de toda a natureza racional” (15). O ser humano é digno pelo simples facto de ser um ser humano e pertencer ontologicamente à linhagem humana. Neste sentido, “a dignidade humana, ocupa o lugar de fundamentação no que diz respeito aos Direitos do Homem” (16), e a Declaração Universal dos Direitos Humanos assegura-o no 1.º artigo.

A morte é uma realidade apesar de ser uma incógnita. Os estudos de Elisabeth Kübler-Ross² indicam reacções psicológicas do doente terminal, face à proximidade da morte. Nesta investigação, a autora chegou à triste conclusão que a maioria dos profissionais não sabe ajudar o doente terminal e não é capaz de se relacionar com o mesmo (17). O objectivo dos seus estudos assenta na educação dos profissionais de saúde, no sentido de os familiarizar com as necessidades, preocupações, receios e ansiedades dos indivíduos (e familiares) que se defrontam com o fim da sua própria vida. Esta autora critica a desumanização dos cuidados de saúde, nomeadamente, quando se questiona sobre a forma como os profissionais de saúde cuida da pessoa em fase terminal, dando mais importância à tecnologia, descurando o doente. Tal situação torna-se num alerta para os profissionais se aproximarem do doente. Os seus estudos são importantes contributos para a compreensão das atitudes observadas não só em doentes e familiares, mas também em profissionais de saúde. Elisabeth Kübler-Ross, no livro intitulado *Sobre a Morte e o Morrer*, identificou cinco tipos de reacções emocionais ou estádios que podem ser vivenciadas pelas pessoas, face ao diagnóstico de uma doença grave ou incurável; são elas a negação, a raiva, a depressão, a negociação e a aceitação (18). Assistir o doente terminal não é fácil, concerteza, mas é fundamental reflectir sobre a melhor forma de ajudar o indivíduo e a família a viver a sua última etapa da vida na terra, a sua derradeira etapa – a morte.

A vida mantém um desafio: como morrer com dignidade? Certamente, a opção mais correcta em termos técnicos e, sobretudo, éticos é ajudar o doente a alcançar, e percorrer, de forma digna e serena a última etapa da vida, fazendo-o sentir-se amado, alvo de atenção e de afecto, inserido num ambiente envolvente «cuidativo». Assim, esta última fase da vida pode constituir um privilégio para o cuidador, tal como refere Kübler Ross: “Observar a morte de um ser humano em paz faz-

² Elisabeth Kübler-Ross, Médica psiquiatra nascida na Suíça, residente nos Estados Unidos da América, trabalhou junto dos doentes que se encontravam no fim da vida. As suas investigações iniciaram-se nos finais dos anos sessenta no âmbito da vivência dos doentes terminais. Foi através de 200 entrevistas aos doentes terminais que esta autora foi apercebendo das reacções emocionais que o ser humano percorre à medida que a morte se aproxima.

nos lembrar uma estrela cadente” (19). De facto, tal como nos foi dado observar na prática clínica, os doentes em fase terminal estão ávidos de cuidado humano e temem o abandono. Assim, compreender as fases do processo de morrer é o ponto de partida para compreender as necessidades emocionais dos doentes e para garantir que estes não sejam abandonados.

Os cuidados paliativos têm como objectivo aliviar o sofrimento do Outro no fim da vida, de estar atento às suas necessidades, de respeitar o restante tempo de vida, sem o alongar nem o encurtar. Daí a questão: Que fazer quando já nada há a fazer? A resposta será: proporcionar cuidados que dêem conforto, facilitar a vida das famílias, apoiar as mesmas na tarefa de acompanhamento. Os cuidados paliativos contribuíram muito para a evolução das atitudes do moribundo no momento da morte, pois o mundo em que está inserido não o ensina a morrer. M. Hennezel diz: “acho que não podemos fazer grande coisa face ao sofrimento das pessoas que vão morrer e à sua morte, mas podemos, pelo menos, oferecer a nossa presença e a nossa atenção” (20). No momento da morte devemos ter comportamentos e atitudes que manifestem este respeito e humanidade. M. Hennezel afirma mais uma vez que “quem tem o privilégio de acompanhar alguém nos seus últimos instantes de vida sabe que estes entram num espaço de tempo muito íntimo. A pessoa, antes de morrer, tentará transmitir aos que a acompanham o essencial de si própria. Através de um gesto, de uma palavra, às vezes somente de um olhar, tentará dizer o que verdadeiramente conta e que ela nem sempre pôde ou soube dizer” (21).

EM ENFERMAGEM...

O desenvolvimento da enfermagem teve início com os escritos de Florence Nightingale, tendo, no século passado, surgido várias teorizadoras com métodos próprios. Entre estas teorias é de salientar, nos anos 70, mais especificamente em 1979, a teoria de Jean Watson. Enraizada no pensamento de Florence Nightingale e na filosofia do cuidar, assenta fundamentalmente na atenção ao ser humano, onde propõe que os enfermeiros criem um ideal de cuidar que seja simultaneamente cientista e humanista (22).

Cuidar requer um compromisso com o fim de protecção, a preservação da dignidade e da humanidade. O cuidar na enfermagem requer teoria e prática, indo além do mero pensamento à prática, baseada numa reflexão crítica, dentro de um quadro conceptual e baseado num modelo de cuidar. Jean Watson “dentro da filosofia e da ciência do cuidar, tenta definir uma consequência da actividade com respeito aos aspectos humanistas da vida”(23). Esta autora salienta também a importância que tem uma formação filosófica e humanista do enfermeiro para o exercício da profissão. Assim, Jean Watson “espera que o seu trabalho ajude os enfermeiros a desenvolver uma base moral e filosófica significativa para a prática”(24). A teoria de Jean Watson propõe um

modelo de cuidar em enfermagem, onde enfatiza o cuidar como o ideal moral da enfermagem, cujo objectivo é proteger, engrandecer e preservar a dignidade humana⁽²⁵⁾. A *Teoria Jean Watson* é fundamentada em valores humanos. Esta autora define a enfermagem como arte de cuidar. De facto, a profissão de enfermagem realiza-se pela abertura ao Outro, pois esta é a ajuda radical ao Outro que está fragilizado, doente, enquanto vive o último momento da sua vida. Assim, a essência do ser humano cumpre-se na ajuda, necessitando para tal da linguagem do rosto. Aqui, mais uma vez, estamos a referir que é importante ter uma responsabilidade pelo Outro, também referida por Levinas. Ajudar o doente a morrer é uma questão que se coloca permanentemente aos enfermeiros, em qualquer serviço e local de trabalho, pelo Código Deontológico, que constitui o fio condutor de toda a sua prática clínica.

Os doentes terminais são projectados para uma profunda exposição que é um grito ou apelo à ajuda, ao socorro dos profissionais de saúde e aos outros, levantando assim o problema ético, inevitável e prioritário. Na área da saúde põe-se permanentemente a questão: qual é o meu dever? Partindo desta questão, Levinas abre a outra vertente de análise do sofrimento; por um lado, a urgência da atitude médica, e por outro, torna-se possível antever uma abertura original e imperiosa que me conduz em direcção ao Outro, à Alteridade, que chega até mim pela invocação exigente e que a visitação do rosto exprime, ou seja, o sofrimento que abre uma perspectiva ética do inter-humano.

Os direitos inalienáveis do doente em fim de vida são inquestionáveis, por isso a obrigação de respeitar e proteger a dignidade de um doente terminal é consequência da dignidade inviolável inerente ao ser humano em todas as fases da sua vida. Sem dúvida este respeito e esta protecção traduzem-se na criação de um ambiente que permita ao ser humano morrer com dignidade. O binómio enfermeiro-doente, quem cuida e quem é cuidado, situa-se entre pessoas, seres humanos que do ponto de vista ético têm dignidade. Desta forma, porque nós e eles somos pessoas, a nossa competência e qualidade dos cuidados que prestamos são exigências éticas. Assim, para que esta afirmação se realize devemos reflectir com assiduidade no porquê do nosso agir, tornando o nosso mundo naquilo a que Kant chamava o reino dos fins, atingindo o bem supremo, com a dignidade que nos é conferida; também a luta ética consiste em prever a questão da dignidade no momento da morte e pensar a vida não como um valor em si, isolado, mas como um valor relacional, que abre espaço para o Outro. A partir da compreensão deste fenómeno reflectido e investigado, esta reflexão quer sugerir novos horizontes no cuidar em enfermagem, rebatendo a dimensão ética desse cuidar no âmbito da assistência ao doente terminal. Como novo horizonte propomos que a ética de Levinas esteja na estrutura da conduta da enfermagem no

cuidar do doente terminal. Desta forma, na óptica de Levinas, todo o profissional que exerce a sua capacidade cognitiva é, sempre, responsável dos seus próprios actos.

O caminho ético declara que as «armas» morais estão centralizadas sobre questões do Bem. Um dos padrões de qualidade dos cuidados de enfermagem é a procura permanente da excelência no exercício profissional; o enfermeiro maximiza o bem-estar dos doentes e complementa as actividades de vida relativamente às quais o doente é dependente. O primordial será a dignidade individual intrínseca a todo ser humano; também, cuidar o Outro é, como refere Levinas, estar próximo da aceitação de que “todos somos responsáveis por todos e eu mais que todos os outros” (26). O princípio ético, no conceito de fazer o bem ao doente e evitar o mal, foi e é a condição «sine qua non» dos profissionais de saúde. Agir eticamente pressupõe o respeito da dignidade, o reconhecimento dos valores e sentimentos morais e religiosos do doente, tendo como linha mestra o princípio básico da defesa da dignidade humana, postulado como bondade na ética do Outro de Levinas e no Código Deontológico dos Enfermeiros.

À filosofia exigimos que não se limite a questionar, mas que dê respostas, que o seu saber tenha implicação na prática, portanto, exige-se que a filosofia moral seja útil. Pois, actualmente, os enfermeiros são chamados a desenvolver um aspecto muito delicado da sua actividade profissional, que não é a prática da medicina curativa, mas da medicina de acompanhamento (à qual se chama também medicina paliativa). Assim, a aposta ética é a questão da dignidade do Outro no fim de vida. No entanto, perguntamo-nos se devemos adoptar a ética de Levinas como código de conduta. Tendo por base a abordagem apresentada, é importante adoptar a ética de Levinas num código de conduta. A chave do Bem está na mão do Outro e esta responsabilidade pelo Outro, concebida por Levinas, traduz, e bem no nosso entender, a atitude de cuidar do doente proposta por Jean Watson; logo, os profissionais de saúde devem adoptar estas duas perspectivas na sua conduta diária enquanto prestadores de cuidados. Entretanto, ainda permanecem interrogações...

QUESTÕES EM ABERTO...

Acreditamos num mundo novo, pela terapia da compreensão e pelo cuidado do ser humano que sofre no seu íntimo, pois, o ser humano porque é pessoa não pode passar indiferente diante do sofrimento alheio. Não será utopia querer um mundo melhor, por isso é necessário repensar e ter por base ética a mensagem de Levinas. Nas palavras de Levinas ser responsável pelo Outro, como Outro, ou como próximo, é deter sempre um grau acrescido de responsabilidade, ou seja, é não só ser responsável pelo Outro, pela sua vida, pela sua mente, pelo seu destino, mas também, radicalmente, é ser responsável pela sua própria responsabilidade. De facto, sob a célebre

máxima de Dostoiewski, “somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais que os outros” (27). Levinas advoga que o sujeito é responsável por tudo e por todos, ele está a afirmar a característica primária da relação ou da responsabilidade ética – a sua assimetria postula a primazia do Outro como Outro, único ou próximo. Na proposta de Levinas a experiência do acompanhamento é um enriquecimento porque nos humaniza, nos dignifica. Em suma, a responsabilidade ética é uma responsabilidade *desinteressada*, que não espera reciprocidade.

Deixamos em aberto outras questões: qual o sentido da morte digna, se não houver possibilidade de viver humanamente? Será que o ser humano tem conhecimento dos seus direitos, ou seja, o direito a uma morte digna? Será que as nossas intervenções estão direccionadas para além do alívio da dor e do sofrimento no momento final da vida? Será que estamos despertos para apoiar, ou será que muitas vezes este é manifestado de uma forma obscura? Será que o ensino nas escolas de enfermagem está direccionado para estas questões? Será que o profissional de saúde sabe que é um dever promover uma morte digna? Será que os enfermeiros conhecem o seu Código Deontológico? Neste código não estará implícito a ética do Outro referido por Levinas? Então, porque não o põem em prática? Estas questões são desafios! Contudo, face a estas questões, brota um grito de *ser*. Será que o ser humano (o enfermeiro) está surdo perante os apelos do Outro (doente terminal)?

É necessário reflectir; como diz Paul Gilbert, devemos fazer uso da nossa inteligência, para que o mal se produza menos, sendo assim necessário deixar o palavreado, a idolatria, a falsidade, o orgulho, de forma a construir, em vez de destruir. Ainda, procurar a paz em vez da guerra, a vida em vez da morte. Aliviar a dor e o sofrimento do Outro que está na fase final de vida (28). Pois a esperança é, e será, a última a morrer!...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- (1) LEVINAS, Emmanuel – *Humanismo do Outro Homem*. Trad. do Francês de Pergentino Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993, pp.82-83.
- (2) POIRIÉ, F. – *Emmanuel Levinas. Qui être-vous?* Lyon: La Manufacture, 1987.
- (3) NUNES, Etelvina Pires Lopes – *O Outro e o Rosto. Problemas da Alteridade em Emmanuel Levinas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993, p.33.
- (4) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, p.50.
- (5) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, p.37.

- (6) LEVINAS, Emmanuel – *Humanismo do Outro Homem*. Trad. do Francês de Pergentino Pivatto (coord.). Petrópolis: Vozes, 1993, p.49.
- (7) NUNES, Etelvina Pires Lopes – «O rosto e a passagem do Infinito». In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. (1991), p.126.
- (8) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, p.240.
- (9) LEVINAS, Emmanuel – *Descobrimo a Existência com Hussel e Heidegger*. Trad. do Francês Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 1997, p.236.
- (10) NUNES, Etelvina Pires Lopes – *O Outro e o Rosto. Problemas da Alteridade em Emmanuel Levinas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, 1993, p.9.
- (11) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 178.
- (12) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, p.160.
- (13) LEVINAS, Emmanuel – *Totalidade e Infinito*. Trad. do Francês de José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 2000, pp.210-211.
- (14) CABRAL, Roque, S. J. – «A dignidade da pessoa Humana». In: CABRAL, Roque, S. J. - *Temas de Ética*. Braga: Faculdade de Filosofia da UCP, 2000, p. 273.
- (15) KANT, Immanuel – *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*. Porto: Porto Editora, 1995, p.73.
- (16) RENAUD, Michel – «A Dignidade do Ser Humano como Fundamento Ético dos Direitos do Homem – II». In: *Brotéria*. 148 (1999), p.438.
- (17, 18) KÜBLER – ROSS, Elizabeth – *Sobre a Morte e o Morrer*. 8ª ed. Trad. do Inglês de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- (19) KÜBLER – ROSS, Elizabeth – *Sobre a Morte e o Morrer*. 8ª ed. Trad. do Inglês de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.282.
- (20) HENNEZEL, M.; LELOUP, Jean-Yves – *A Arte de Morrer*. 2ª ed. Trad. do Francês de Gemeniano Cascais Franco. Lisboa: Editorial Noticias, 2000, p.81.
- (21) HENNEZEL, M. – *Diálogo com a Morte*. 5ª ed. Trad. do Francês de José Carlos González. Lisboa: Editorial Noticias, 2002, p.11.

- (22) KÉROUAC, Suzanne et al. – *El Pensamiento Enfermero*. Trad. do Francês de Mercè Arqué Blanco. Barcelona: Masson, 1996, pp.42-43.
- (23) TOMEY, Ann Marriner; ALLIGOOD, Martha Raile – *Teóricas de Enfermagem e a sua Obra. Modelos e Teorias de Enfermagem*. 5ª ed. Trad. do Inglês de Ana Rita Albuquerque. Loures: Lusociência, 2004, pp.173.
- (24) WATSON, Jean – *Enfermagem: Ciência Humana e Cuidar uma Teoria de Enfermagem*. Trad. do Inglês de João Enes. Loures: Lusociência, 2002, p.63
- (25) NUNES, Etelvina «Hieratismo do rosto? Levinas aproximado dos seus interlocutores». In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. 50 (1994), p. 303.
- (26) LEVINAS, Emmanuel – *Ética e Infinito*. Trad do Francês de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2000, p.93.
- (27) REIS, Ana Maria Machado G. - “O Outro Enquanto Doente Terminal: Uma Imposição Ética. Tese de Mestrado. Universidade Católica Portuguesa. Braga: 2006.
- (28) GILBERT, Paul – «Le Mal: Problème ou Mystère? » In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. 57 (2001), pp. 435-458.